

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Barroso, João

O paradigma da arquitectura verde

<http://hdl.handle.net/11067/5861>

<https://doi.org/10.34628/vqzv-z087>

Metadados

Data de Publicação	2021
Tipo	bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-12-26T08:45:22Z com informação proveniente do Repositório

O PARADIGMA DA ARQUITECTURA VERDE

João Barroso

Resumo: A arquitectura verde tornou-se num slogan da contemporaneidade, de um modo de fazer arquitectura e de uma imagética particular. Por um lado, responde a uma necessidade de alinhamento com a harmonia da Natureza; por outro, existe uma respectiva tendência para o entendimento superficial desta grande temática, resumindo-se à adição de elementos vegetais – “verdes”. Ao mesmo tempo, podemos notar uma movimentação que percorre as culturas do mundo, uma movimentação de paradigmas tecnológicos, económicos e sociais, com semelhanças, talvez, a outros que aconteceram no passado. Poderemos continuar a escutar a natureza?

Palavras-chave: Arquitectura verde, tendências, natureza, perguntar, escutar, expressão.

Abstract: Green architecture has turned into our contemporaneity’s slogan, showcasing a way of practicing architecture and a particular imagery. On one hand, it answers the call of our needed alignment with Nature; on the other, there is a tendency to the superficial understanding of this major thematic, limiting itself to the addition of vegetal – “green” – elements. Simultaneously, we may perceive a movement passing through the world’s cultures, a changing of technological, economic and social paradigms, perhaps similar to other times in history. Could we still keep listening to nature?

Keywords: Green architecture, tendencies, nature, to question, to listen, expression.

Numa visita ao Mosteiro de Santa Maria da Vitória, podemos entrar na Casa do Capítulo e descobrir uma pequena escultura, a brotar temas vegetalistas, chamam-lhe o homem verde. Esta figura, esculpida na pedra, reflecte um sentido enraizado profundamente na psique humana, uma conexão nossa com a vitalidade da natureza vegetal. A invocação da floresta, dos bosques e da sua força regenerativa, acompanha o ser humano pelos tempos, ora mais acordada, ora mais adormecida. O “verde” tem, certamente, significados no Tempo.

No tempo em que vivemos, assistimos a um ressurgimento notório deste arquétipo, no nosso consciente de grupo. Todavia, as conotações flutuantes que ele tem adquirido, são apenas uma superfície dos seus significados mais profundos. “Sabe-se” que um produto “verde”, é um produto “amigo do ambiente”. Mediatiza-se, então, a ideia de que uma arquitectura ecológica, é uma arquitectura verde.

Ou, até mesmo, uma arquitectura biofílica, biomimética, ou bioclimática.

Ou, ainda, uma construção natural, passiva, regenerativa e produtiva.

Certamente válidos, todos estes termos representam modos de construir, caminhos de investigação, procuras. Representam, também, a mediatização de uma imagética e de uma estética específicas. É popular, a identificação de uma sustentabilidade nos jardins verticais, nas fachadas verdes e nas coberturas ajardinadas. Mas não devemos confundir a opinião generalizada, com a verdade: há uma distância considerável. Tal como um jardim vertical não confere a sustentabilidade a um edifício.

Também por isso, a procura de uma arquitectura verde deve ser fruída sem preconceitos imagéticos, procurando a composição de uma síntese que respeite, sim, os princípios em que se inscreve – mas que o faça com toda a riqueza do seu potencial expressivo.

Porque não, acolher a espontaneidade da natureza, ao invés de forçar rigidamente uma presença vegetal sob a estrutura? Veja-se a Linha Verde de Beirute, que cresceu sobre as estruturas humanas e ganhou expressão espontaneamente, com a ausência humana.

Porque não observar o que a essência do lugar nos oferece, o que dela brota, e deixá-la guiar uma intervenção? Em Nova Iorque, assim como em Beirute, uma parte da cidade deixada ao abandono transformou-se num jardim indomesticado. Mais do que isso: mostrou a identidade espontânea da flora do lugar, ao qual pertence. Dada a sua grande relevância, qualificadora do espaço urbano, a estrutura em desuso (a High Line) foi reabilitada – e os seus jardins espontâneos, preservados em projecto, num espaço gerador de inclusão, de sentido de casa e de lugar.

Todavia, dado o paradigma actual, também não podemos negar o potencial da tecnologia e do algoritmo. O potencial para construir cidades verdes e “inteligentes”, com torres verdes e elevadas densidades de populações autossustentáveis. Mas a ingenuidade humana também se encontra no extremo oposto, com tecnologias de simbiose que não necessitaram de computadores. Veja-se as anciãs pontes das tribos Khasi, do nordeste indiano – pontes construídas com as raízes da árvore-da-borracha, que crescem e que se mantêm vivas.

O verde proveniente da natureza carrega consigo uma harmonia formal, uma presença com proporções e regras no espaço e no tempo. E, se falamos no paradigma da arquitectura verde, com mais profundidade, então devemos imergir-nos na descoberta destes seus mistérios. Le Corbusier dizia-o. E procurou as harmonias da natureza, estudou-as, e manifestou-as na sua obra. Naturalmente, não foi o único, e parte da beleza desta procura, é a riqueza expressiva que pode adquirir, passo a passo, ouvindo os lugares.



Mosteiro budista, na província de Sichuan, na China.

“A arquitectura não tem sentido a não ser em relação com a natureza”

Imaginar a Evidência, Álvaro Siza, 2019.

Álvaro Siza diz-nos, em autorreflexão, que encontrou uma indivisibilidade entre os espaços construídos e a natureza, que eles formam um *continuum*. E que este *continuum* é essencial para a poesia da arquitectura (mesmo que dissonante, porventura). A visita ao mosteiro budista, da figura em cima, revelou, mais do que uma resposta formal, uma pergunta metafórica e imaterial. Esta pergunta é um diálogo com a natureza – um diálogo que resultou numa forma. Um diálogo semelhante – e distinto – encontramos na Piscina das Marés (e sem presenças verdes). Encontramo-lo também, eximamente expresso no Mosteiro de Santa Maria da Vitória, sob outra forma, novamente.

Qual é o paradigma da arquitectura verde?

Depende da profundidade da nossa pergunta. Aliás, como a arquitectura trabalha também com a memória e com a imensidão da sua parte inconsciente, o modo como se fizer a arquitectura agora, irá informar a riqueza que evocará no futuro. O tempo em que vivemos apresenta semelhanças com o que aconteceu antes da transição para o Gótico – das transformações sociais, até às inovações tecnológicas. Le Corbusier escreveu em 1936, uma carta a propósito do “estilo” que poderia estar a aparecer, em que disse para não se falar de estilos, que *“o mundo inteiro está em total redesenho – que uma nova civilização está a nascer”* e que dali a cem anos, sim, poderiam falar de um estilo. Hoje em dia, há também um “fervilhar”, uma ebulição cultural, económica e tecnológica, que pode trazer consigo um novo paradigma. Que sementes estaremos, nós, a plantar?

Espero, que, com todo este fervilhar, possamos também parar. E escutar.